

BOCAGE E A POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA

Rafael Santana Gomes (UFRJ)
emailrafaelsantana@gmail.com

Quando nos perguntamos o que caracteriza a poesia, qual a resposta que nos vem à cabeça? Num primeiro momento, se herdamos simplesmente o senso comum, responderemos, quase que automaticamente: os temas de amor. Mais que isso, na esteira do modelo ocidental, preferencialmente um amor não realizado, ambigualmente fonte de felicidade e causa do mais doloroso sofrimento. A origem de tal premissa estaria, talvez, na evidência de o modelo da cantiga de amor trovadoresca ter sobrevivido na cultura ocidental, ao longo de séculos de literatura, havendo-se incorporado o seu *leitmotiv* “sofrer por amor” ao imaginário popular.

Por isso mesmo, se pensarmos em poesia de circunstância, julgá-la-emos como tendo menos valor e relevância do que a lírica, visto que a consideramos como um tipo de poesia que retrata fatos banais, como o corte de um vestido, o nascimento de um bebê, o aniversário de alguém etc. Não o deixa de ser; porém, por detrás dessas simples circunstâncias, pode esconder-se o mais fino e sensível da produção de um poeta. Esse é, a meu ver, o caso de Manuel Maria Barbosa du Bocage, o mais famoso poeta do neoclassicismo e do pré-romantismo portugueses.

Bocage é o mais significativo poeta setecentista em Portugal; no entanto, muito pouco se conhece da sua obra, sendo grande parte dos seus escritos completamente ignorada. Até aos dias de hoje, pouquíssimos pesquisadores propuseram-se a analisá-la, de modo que escassa é a produção crítica sobre o autor. O poeta, ao longo de duzentos anos, tem sido frequentemente associado a estereótipos limitadores ou falsos (como, por exemplo, o derivado do extenso anedotário que lhe é atribuído por parte da população portuguesa, da brasileira e da macaense), não sendo identificado, pelo cidadão comum, como um poeta, mas, não raro, como um homem esperto, piadista e sem escrúpulos. Desse modo, a avaliação da sua obra é, por vezes, feita a partir de conceitos redutores, que a empobrecem demasiadamente.

A poesia de circunstância, antes do Romantismo, era fruto do mecenato. Por esse motivo, grande parte dela era produzida para retratar a vida aristocrática. Tal fato, provavelmente, seja a razão pela qual se te-

nha construído uma visão tão negativa dessa manifestação poética. O melhor exemplo disso é, talvez, o *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, volume de versos em que há uma grande quantidade de poemas de circunstância, e que é visto por muitos dos estudiosos de literatura portuguesa, como um livro de qualidade discutível, por retratar fatos banais. Uma possível evidência disso é a quase ausência de produção crítica sobre essa obra, o que corresponde a um reduzido interesse dos estudiosos em divulgá-la.

A partir do século XIX, no qual a literatura passou a ser instrumento da burguesia e, portanto, um objeto de consumo de um público mais extenso, o artista, livre dos compromissos que a estrutura do mecenato impunha como resposta ao apoio financeiro recebido, deslocou a poesia de circunstância para uma esfera de menos valia, sendo vista, ao longo dos séculos posteriores, como um gênero menor, associado a banalidades. Ao buscar inserir parte da poesia de Bocage no conceito de poesia de circunstância, proponho a leitura de que, por detrás dessas ditas circunstâncias banais, pode esconder-se o mais fino e sensível da produção de um poeta e, no caso de Bocage, ousaria dizer que grande parte dos poemas líricos consagrados pela crítica pode ser lida, também, a partir do conceito de poesia de circunstância.

Além do problema da fronteira pouco discernível entre as poesias líricas e circunstanciais, a maior parte dos poemas satíricos bocagianos é desprezada pelos críticos. Nestes últimos, muitas vezes confundem os estudiosos erotismo com pornografia, estigmatizando o poeta, por mero puritanismo, por desinformação ou por, cegamente, seguirem a tradição, evitada de preconceitos de caráter sexual.

O grande vate Elmano é mais conhecido pela sua produção lírica e satírica, especialmente esta última, mas praticamente se desconhecem os seus poemas de circunstância. No entanto, o que, em geral, não tem sido frisado de forma suficiente, é que o fio que urde a poesia lírica bocagiana não é, necessariamente, oposto ao da poesia de circunstância, constituindo esta, tantas vezes, quase que uma continuação da lírica, e dando, também, lugar ao poeta para expor a sua visão de mundo, visão de sofredor, de títere do Fado. Assim sendo, este trabalho pretende dar enfoque a um gênero textual um tanto desprezado pela crítica literária, conhecido como poesia de circunstância. Vinculada ao mecenato e ao sistema literário da aristocracia, a produção poética de circunstância, que pressupõe a reatuação de acontecimentos variados, tais como o nascimento de um bebê ou o falecimento de alguém, seria, a partir da ascensão da burguesia no sé-

culo XIX, considerada menos válida, uma vez que o artista oitocentista compreende a poesia como um fenômeno atrelado à ideia da inspiração. Bocage, poeta do século XVIII, a meio caminho entre o neoclássico e o romântico, fizera, muitas vezes, da poesia de circunstância um meio de sobrevivência, sem, contudo, deixar de tingir a sua produção literária com as tintas da mais extremada sensibilidade e do mais alto espiritualismo românticos. Observemos os dois poemas abaixo.

GLOSANDO MOTE:

“A MORTE PARA OS TRISTES É VENTURA”

Quem se vê maltratado, e combatido
Pelas cruéis angústias da indignação
Quem sofre de inimigos a violência,
Quem geme de tiranos oprimido:

Quem não pode ultrajado, e perseguido
Achar nos Céus, ou nos mortais clemência,
Quem chora finalmente a dura ausência
De um bem, que para sempre, está perdido:

Folgará de viver, quando não passa
Nem um momento em paz, quando a amargura
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradecer-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
A morte para os tristes é ventura.

(BOCAGE, 1994, p.116)

NO SEU DIA NATALÍCIO

Do Tempo sobre as asas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado à luz do Sol este momento,
Fúrias, com vossos fachos se alumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou de imundo alento:
Empestando o misérrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

“Esteja sempre o bem de ti remoto
Vivas sempre choroso, amargurado,
Dane teus dias o destino imoto.”

Caiu-me a imprecação do monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros com que me espera ao longe o fado.

(BOCAGE, 1994, p. 85)

Da leitura dos sonetos acima, podemos, claramente, perceber a existência de uma coerência temática intertextual. Em ambos, lamenta-se o poeta do seu destino, um destino adverso, pesado, amargo. Bocage foi aquele que sofreu todos os males da ventura; como Camões, viajou para Goa, onde passou por apertos financeiros, experimentou o clima insalubre das quentes terras asiáticas e chocou-se com a estreiteza cultural do lugar.

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo! (BOCAGE, 1994, p. 78).

Além disso, quando regressou a Lisboa, em 1790, viveu intensamente o que se pode chamar uma vida boêmia, frequentando os cafés alimentados pelas ideias da Revolução Francesa, atacando o clero, lutando profundamente contra o despotismo:

Liberdade querida, e suspirada,
Que o Despotismo acérrimo condena; (BOCAGE, 1994, p. 112).

Devido ao fato de ter sido apanhado com panfletos apologéticos ao liberalismo, foi preso no Limoeiro, onde passou os maiores tormentos da sua vida, relatando o seu pesar em versos claramente autobiográficos:

Neste horrível sepulcro da existência
O triste coração de dor se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte,
Com que dorme a frenética impaciência

(BOCAGE, 1994, p.127)

Como poderia a obra poética de um homem que passou por tantas penúrias na vida refletir alguma alegria? Somente nos seus poemas paradigmáticos do neoclassicismo, nos quais predominava o fingimento poético, conseguido por meio da repetição dos rígidos cânones neoclássicos, podemos, algumas raríssimas vezes, encontrá-la. Fora disso, na maior parte da sua poesia lírica e circunstancial, temos a presença marcante de elementos acentuadamente obscuros¹⁰⁶, tão sinistros quanto a sua desdi-

¹⁰⁶ Representam os símbolos do seu universo gótico, como o mocho, o sapo, a rã etc. Todos esses elementos constituem o que se conhece como *locus horrendus*, e que se opõe ao *locus amoenus* da poesia tipicamente neoclássica.

tosa existência. E se a teoria e a crítica literárias já condenam, de longa data, a leitura da obra de um autor a partir da sua biografia, há de se frisar que, no que concerne à poesia bocagiana, os poucos especialistas na sua obra são unânimes ao afirmar que os escritos do poeta mantêm uma estreita relação com a sua tormentosa existência, tornando-se, portanto, impossível dissociar vida e obra em se tratando desse artista. Como diz o eu lírico bocagiano no segundo soneto transcrito acima, já no momento do seu nascimento começara todo o horror da sua existência, pois, em vez de a sua vinda ao mundo ter sido iluminada pelo Sol, foi-o, numa espécie de presságio sinistro de mau agouro, pelos fachos das Fúrias. No seu berço, aparece-lhe uma pavorosa harpia, rogando-lhe uma impiedosa praga que lhe arruinaria a vida, inexoravelmente. Ora, quem nasce predestinado à desgraça e ao sofrimento,

Quem geme de tiranos oprimido:
Quem não pode ultrajado, e perseguido
Achar nos céus, ou nos mortais clemência,

poderá na vida encontrar algum gozo, algum prazer? Não,

... Só deve agradar-lhe a sepultura,
Que a vida para os tristes é desgraça,
A morte para os tristes é ventura.

No segundo soneto transcrito, parece-me evidente que o poeta utiliza a circunstância do seu aniversário como pretexto para expor a mais obsessiva ideia de toda a sua produção lírica: a morte como salvação, como forma de escape das angústias deste mundo. Não que essa ideia esteja explícita, como no primeiro soneto, mas podemos percebê-la através do diálogo entre os textos que compõem a obra do autor em questão. Assim como fiz o cruzamento de ideias entre os dois poemas que citei, do mesmo modo isso será possível, muitas vezes, na obra bocagiana.

O último verso do primeiro soneto apresenta-se como uma espécie de eco que se repete constantemente na leitura de cada texto. A cada poema lido, temos a impressão de ouvir que “*A morte para os tristes é ventura*”. Como já foi dito, o tema do escapismo pela morte é uma constante na obra de Bocage, sendo o mote por ele glosado o que melhor a define e sintetiza.

Vejam, em mais um poema de circunstância, os traços anteriormente mencionados, os quais se mostram paradigmaticamente na sua poesia.

**AO SR. FRANCISCO JOSÉ DA PAZ, NA
MORTE DE SUA ESPOSA**

Deploro, caro amigo, o que deploras
Com porfiosa dor, com dor interna;
Perdeste a doce esposa, a sócia terna,
Que presente adoraste, e longe adoras:

Mas pensa, quando gemes, quando choras,
Que por alto poder, que nos governa,
Ela habita do bem na estância eterna,
E na estância do mal tu inda moras:

Revê no coração, na fantasia
A índole gentil, suave e pura,
Com que menos que o Céu não merecia:

Olha cultos gozando a cinza escura:
Do corpo, em que brilhava uma alma pia,
É quase, é quase altar a sepultura.

(BOCAGE, 1994, p.151)

Neste poema, escrito em ocasião de um acontecimento doloroso, mas ao mesmo tempo tão comum, visto que a morte é uma consequência natural da vida, nota-se o sentimento da dor elevado ao seu mais precioso grau de refinamento, principalmente na primeira estrofe, na qual os adjetivos parecem haver sido minuciosamente escolhidos para enfatizá-la. Contudo, será que o eu lírico deste poema realmente deplora a morte, como afirma ao amigo, no primeiro verso? Será que ele vê nela algum motivo de dor, de tristeza? A resposta parece-me óbvia, pois, como já o disse anteriormente, o eco de toda a sua poesia não é o de a morte ser, em vez de tristeza, ventura?

De fato, a voz do poema diz deplorar o ocorrido somente por mera convenção social. No primeiro verso do segundo quarteto, a conjunção adversativa *mas* começa por desfazer o que havia sido dito no quarteto anterior, e, a partir deste, o poeta começa a expor a sua visão da vida terrena, que, como sabemos, é completamente negativa. Por isso a esposa do seu amigo habita agora na “estância do bem”, e ele ainda mora na do mal. Se observarmos o poema a partir de um ponto de vista mais crítico, perceberemos que o segundo quarteto e o primeiro terceto enfatizam uma mesma ideia, sendo o último terceto o feixe das ideias desenvolvidas nas duas estrofes anteriores. A conclusão a que chega o poeta, como já podemos imaginar, é a única a que poderia chegar alguém com a sua visão de mundo: olhar o corpo morto não é motivo de tristeza, e sim de alegria,

porque a morte é ventura, então, se assim o é, “É quase, é quase altar a sepultura”.

Novamente uma circunstância foi utilizada como pretexto para que o poeta escrevesse sobre as suas próprias concepções. O eco anteriormente mencionado parece repetir-se e transformar-se em outras variantes; o tema da morte como paz, como alívio, é extremamente obsessivo:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Nestes versos tão conhecidos, tão incansavelmente repetidos por uma gama de artistas da Língua Portuguesa, Bocage louva Camões, e, mais uma vez, nele observamos a insistência num mesmo tema. Ora, podemos afirmar, tranquilamente, que

A morte para os tristes é ventura =
= É quase, é quase altar a sepultura =
= De que só terei paz na sepultura.

Em resumo, diria que, como um sofredor e inadaptado à vida terrena, Bocage reflete, na sua vasta e desconhecida obra, toda a sua angústia de estar no mundo, e mostra ansiar extremamente pela morte, desenvolvendo esse tema e arrastando-o ao longo de toda a sua produção.¹⁰⁷ No sepulcro, enxergava o poeta o único lugar onde teria paz, onde poderia fugir da tirania e das crueldades do destino. Por isso, a síntese da sua obra encontrar-se-ia, a meu ver, nestes dois versos:

... a vida para os tristes é desgraça,
A morte para os tristes é ventura.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Sonetos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1994.

¹⁰⁷ É importante ressaltar que, em nenhum momento, quisemos dizer que os poemas que apontamos como sendo de circunstância não são, também, líricos. Esse gênero, com certeza, está presente em todos os poemas que citamos. Consideramos como de circunstância aqueles textos em que há uma particularidade que acompanha um fato.